FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVII

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1978

MARIA MANUELA ALVES DIAS
Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa

A PROPÓSITO DUMA NOVA INSCRIÇÃO ISIACA (BEJA)

«Conimbriga» (Coimbra), XVII, 1978, p. 35-40

RESUMO: A autora publica uma inscrição encontrada em Beja e consagrada a Isis. Examina, a propósito, outros testemunhos epigráficos e arqueológicos do culto de Isis e de Serápis na Península Ibérica e conclui que o «divino casal» como forma religiosa de harmonia conjugal não teve grande sucesso na Península.

RÉSUMÉ: L'auteur présente une inscription consacrée à Isis, trouvée à Beja (Portugal). D'autres témoignages épigraphiques et archéologiques du culte d'Isis et de Sérapis dans la Péninsule Ibérique sont examinés et l'auteur arrive à la conclusion que le couple divin comme forme réligieuse de l'harmonie conjugale n'a pas eu de succès dans 1'Hispania.

A PROPÓSITO DUMA NOVA INSCRIÇÃO ISÍACA (BEJA)

Na colecção epigráfica do Senhor J. R. Mourão Júnior, arrecadada provisoriamente no Museu Militar do Baixo Alentejo (Castelo de Beja), existe um fragmento de mármore, de grosseiro talhe paralelipipédico, cinzento claro, cristalino, que numa das faces tem gravada parte duma inscrição onde se lê uma invocatoria a Isis *(Isidi) i*[1]*).*

Texto:

[...] L *(ou* E) SI-MO [...] / ISIDI / [...] V-S-EXIM [...](*)

(x) Por notícia do seu proprietário, este bloco fragmentado foi enconti ado, casualmente, num monte de entulho, junto das 'Portas de Aviz'; assuas dimensões máximas globais são 48 cm x 28 cm x 17 cm, as letras da 2.ª 1. *(Isidi)* medem 2,6 cm de altura e as da 3.ª 1. apenas 1,5 cm; a gravação é um tanto descuidada; contudo, observam-se vestígios duma linha de orientação de escrita por cima da palavra *Isidi*, os pontos são triangulares e os espaços interlineares muito irregulares, variando, entre a 2.ª Lea 3.ª 1., de 0,4 cm a 0,8 cm. Variadas leituras foram já propostas: a) .../ (ou *e) si-mó... / Isidi / / ...u-s(acer dos)* (?) *exim(ius)* (?)..., b) *...l* (ou *e) si-mo... / Isidi / ...v(otum)-sfolvit)• ex im(agine) (?)...* c) .../ (ou *e) si-mo... / Isidi / ...v(otum)-s(olvit). ex im(perio)* (?)..., d) *...l* (ou *e) si-mo... / Isidi / ...v(otum)-s(olvit).ex i(ussu) m(atris)* (?)...; embora dificilmente prováveis, recordamos *b)* e *c)* por a tradição literária da religião isíaca indicar repetidas vezes a manifestação de Isis por via onírica — tome-se o exemplo de Apuleio (sonhos de Lúcio), APUL., *Metamorph.,* XI, 3-4; A. GARCÍA y BELLIDO, *Les Religions Orientales dans VEspagne romaine*, Leiden 1967, p. 108, admite, ao referir-se a uma inscrição aparecida em Acci *(CIL* II 3386), que a forma *ex iussu Dei Nili* subentende aí uma ordem dada por via onírica (a propósito deste tema e sua linguagem epigráfica consultar tb., para *ex iussu / ex oisu*, Luís Fernández FÚSTER, *La fórmula «ex visu» en la Epigrafía hispánica*, in «Archivo Español de Arqueo-

*

Quase desde o seu aparecimento que o culto de Isis esteve ligado ao culto de Serápis (divindade que tomou atributos de Osiris) (3) e a representação conjunta dos dois deuses foi muito frequente (4).

Em Beja, além desta inscrição a ísis infelizmente incompleta, existe uma dedicada a Serápis *(Serapi Pantheo)* e, em Peroguarda, no sítio da Horta das Faias, encontrou-se um numeroso conjunto de lucernas, umas com a representação de ísis, no disco, outras com a de Serápis (5); ainda, perto de Beja, apareceu, no século xvm, uma estátua figurando ísis enfaixada que pertenceu a D. Frei Manuel do Cenáculo e de que se desconhece hoje o destino (6). Esta inscrição a Serápis (7) achada na cidade, extra muros, diz:

Serapi Pantheo / *sacrum* / *in honorem G(aii) Majri Prisciani* / / *Stelina Prisca* / *mater filii* \ *indulgentissimi* / *d(ono) d(edit)*

Trata-se duma inscrição que é possível situar cronologicamente; pelo tipo de letra H. Dessau (8) atribui-a à primeira metade do século II e há mesmo grandes probabilidades de se poder afirmar

logia», XXIII, Madrid 1950, p. 279-291; *d)* é uma proposta de Patrick Le Roux; o facto de o suporte da inscrição apresentar, imediatamente abaixo da área epigiafada, uma zona saliente de relevo informe, pode sugerir que nos defrontamos com o que resta da representação escultórica da própria deusa, destruida, mutilada por razões históricas de Religião.

(2) Cf. est. II.

(3) J. G. FRAZER, *Atys et Osiris*, Paris 1926 (trad, da ed. ingl.), p. 219.

(4) Françoise DUNAND, Le syncrétisme isiaque à la fin de l'époque héllénistique, in *Les Syncrétismes dans les Religions Grecque et Romaine*, Paris 1973, p. 84 e 85.

(6) Abel VIANA e Fernando NUNES RIBEIRO, *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Raixo Alentejo*, separata do «Arquivo de Beja», XIII, Beja 1957, p. 16-31 e Fernando NUNES RIBEIRO, *Lucernas romanas de Peroguarda*, in «Arquivo de Beja», XVI, Beja 1959, p. 79-102.

(6) J. LEITE DE VASCONCELLOS deu publicidade a este achado em «O Archeologo Português», I, Lisboa 1895, p. 343 e dando-a proveniente, segundo Cenáculo, de Peroguarda; desconhece-se qualquer representação gráfica da aludida estátua.

(7) *CIL*, II, 46, descoberta (em 1794) **no rocio fora da porta de Aviz para a parte do norte junto aos lagares do pé da Cruz*\

(8) *ILS,* 4401.

que foi mandada abrir depois de 132/133 (9); o facto de se encontrar gravada na aduela dum arco, portanto num local de passagem, integrada numa estrutura arquitectónica, sugere a sua inclusão num monumento, templo ou templete (dedicado a Serápis), talvez a cargo duma família local (10). Note-se que A. García y Bellido pensa que, na Hispânia, os cultores de ísis e de Serápis são, social e economicamente, indivíduos razoavelmente bem situados, excepção feita para aqueles que se apresentam referenciados colectivamente em associações sócio-profissionais *(Sodalicium Vernarum*, *Collegium Illychiniariorum Prati Novi)* e para o escravo ofertante de C7L, II, 3731 (u).

É de notar o facto de não existir documentação arqueológica em que se patenteie a presença simultânea de representações de ísis e Serápis—é o caso das lucernas de Peroguarda (e é bem conhecida a figuração combinada, em discos de lucernas, desde o século i d.C. no Ocidente Africano) (12) e o da epigrafia da Bética e do Sul da Lusitânia.

(9) Jean BEAUJEU, *La Religion romaine à Vapogée de VEmpire,* Paris 1955, p. 233-236, diz que em 132/133, dois anos depois da estadia de Adriano no Egipto, e quando se inaugurava o Hadrianeion, é cunhada uma medalha que, pela primeira vez, pública e oficialmente, consagra em Serápis a qualidade de *Pantheus* figurando-o, como tal, no reverso, enquanto representa, no anverso, o *sacellum* de Adriano. P. 235, escreve J. BEAUJEU: «Quant à Sérapis, la ferveur du Prince détermina súrement sa promotion officielle au titre de Panthée, mais prenons garde que le dieu avait atteint depuis longtemps ce terme de son évolution dans la doctrine de son clergé et dans l'esprit de ses adorateurs; (...) II est clair que la consécration de Sérapis-Panthée ne résulte pas de Tinfluence exercée par Hadrien sur le clergé alexandrin, mais de l'endoctrinement du Prince par les prétres».

(10) Jean GAGÉ, *Les Classes Sociales dans VEmpire Romain*, Paris 1971, p. 166, diz que a prática da protecção dum monumento, por parte das principais famílias (ou duma só família) dos municípios era usual, e podia prolongar-se por muitos decénios a ligação entre uma família e um monumento que lhe ficara voluntariamente a cargo — é por exemplo o caso que testemunham as 'inscrições Gamalianas', em Ostia, cronologicamente separadas entre si de mais de um século.

(u) A. GARCÍA y BELLIDO, *Les Religions...* p. 108 a 129.

(12) y Tran Tam TINH, *Isis et Sérapis se regardant*, in «Revue Archéologique», Paris 1970, p. 55-80. A lucerna do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, que figura ísis e Serápis, não é proveniente de Alcácer do Sal como diz Scarlat LAMBRINO, *Les divinités orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panóias*, separata do «Bulletin des Études Portugaises», 1954, p. 13, mas

Esta associação explícita dos dois deuses só ocorre em duas inscrições de Astorga ([13]) e numa de León ([14]), encontrando-se subentendida nas de Panóias, sob a forma *Dii Severi* ([15]) e na de Acci, já mencionada na nota 1), sob a forma *ex iussu Dei Nili.*

Repare-se na circunstância de os dedicantes das inscrições de Astorga serem dois oficiais superiores do Império, *Iulius Silvanus Melanio, proc. Augg.* ([16]) e *Claudius Zenobius, proc. Aug.,* destacados aqui por 'dever de ofício' e portanto alheios ao 'modo provincial' de cultuar estes deuses separadamente; de os dedicantes de Léon serem membros da nobreza senatorial não hispânica ([17]); de *G. C. Calpurnius Rufinus,* responsável pelas inscrições de Panóias, se encontrar provavelmente nas mesmas circunstâncias dos anteriores ([18]) (A. García y Bellido nota que a insistência com que os rituais são enunciados nestas inscrições devia visar uma fixação litúrgica dos mesmos ([19]) e também se entendeu já *Calpurnius Rufinus* como um estranho e, provavelmente, um laico í[20])); quanto ao monumento de Acci, numa menos clara associação dos dois deuses, a secura das referências familiares de *Fabia*

sim de S. Amalia, Medelín, em Espanha, cf. J. **LEITE DE VASCONCELOS,** *Religiões dd Lusitânid,* III, Lisboa 1913, p. 348 e 349.

([13]) A. **GARCÍA y BELLIDO,** *Lápidas votivas a deidades exóticas halladas recientemente en Astorga y León, in* «Boletín de la Real Academia de la Historia», CLXIII, Madrid, 1968, p. 191-209.

([14]) A. **GARCÍA** y **BELLIDO,** *Nueva lápida romana,* in «Archivos», 36, León 1964, p. 179-182, notícia depois integrada no artigo referido na nota (13) e cuja matéria epigráfica e prosopográfica foi estudada por Hans-Georg Pflaum, *Augustanius Alpinus Bellicius Sollers membres de la gens Cassia,* in «Archivo Español de Arqueología», XXXIX, Madrid, 1966, p. 3-23.

([15]) S. **LAMBRINO,** *op. cit.,* **p. 30.**

([16]) H.-G. **PFLAUM,** *Les Carri'eres procuratoriennes équestres sous le Haut-Empire Romain,* Paris 1960-1961, n.° 276.

([17]) H.-G. **PFLAUM,** *Augustanius*..., diz que os dedicantes são figuras ligadas à alta aristocracia do Império; não se pode esquecer que *Legio* é o centro militar, por excelência, da Hispânia e não é de excluir a possibilidade duma ligação destes dois 'aristocratas' não hispânicos às altas hierarquias do exército, o que pode dar um especial significado à natureza da invocatoria a ísis e Serápis associados.

([18]) Géza **ALFÖLDY,** *Fasti Hispanienses,* Wiesbaden, 1969, **p.** 110,231 e240.

([19]) **A. GARCÍA y BELLIDO,** *Les Religions...,* **p. 135.**

([20]) Gisèle **CLERC** et Jean **LECLANT,** Compte-rendu de A. **GARCÍA** y **BELLIDO,** *Les Religions...,* in «Revue Archéologique», Paris 1970, p. 366.

L(ucii) f(ilia) Fabiana não nos deixa ir muito longe quanto ao conhecimento do seu círculo social e da sua origem, porém a espantosa prodigalidade para com a deusa, a profusão, qualidade, gosto e valor das oferendas, não nos deixa dúvidas sobre o seu poder económico.

Pode-se pois dizer que, pelo menos, na Hispânia, segundo a documentação que hoje possuímos, os cultos de ísis e de Serápis não se 'associaram' por sistema, salvo quando foram praticados por elementos de significativa representatividade a nível de Poder Central. Tanto um culto como o outro tiveram grande difusão, viveram lado a lado nas mesmas cidades, fundiram-se com as crenças indígenas que se metamorfosearam por sua acção (21), ainda que, por vezes e individualmente, tivessem sofrido um sincretismo que lhes deu, a ísis e a Serápis, a forma de deus total, omnímodo, para o que, já no Egipto, o culto de ísis tinha mostrado ter tendência (22) e que o epíteto *Pantheus* no Serápis de Pax Iulia parece sublinhar no Sul da Península.

O divino casal, ísis e Serápis, como forma religiosa de 'harmonia conjugal', passíveJ de pôr em paralelo com a *Concordia Augustorum* (23), não teve sucesso, adesão, na Hispânia ainda que, a íntima associação dos dois deuses tenha sido expressa, talvez por cinscunstâncias políticas apenas, em algumas inscrições, com especial relevo para as de Astorga e de Panóias, no Noroeste Peninsular, região onde a 'romanização' teve um carácter peculiar pela difícil adaptação das populações à organização político-social que Roma artificialmente lhes recomendava (24), como ideologia para o quotidiano, e administrativamente lhes impunha (* *).

MARIA MANUELA ALVES DIAS

(21) Robert ÉTIENNE, Les syncrétismes religieux dans la Péninsule Ibérique à PÉpoque Impériale, in *Les Syncrétismes dans les Réligions Grecque et Romaine*, Paris 1973, p. 162 e 163.

(22) F. DUNAND, *op. cit*., **p. 93.**

(23) **V. Tran TAM TINH,** *op. cit.,* **p. 79.**

(24) Patrick Le Roux et Alain TRANO Y, *Roma et les indigenes dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique. Problemes d'épigraphie et d'histoire*, in «Mélanges de la Casa de Velazquez», IX, Paris 1973, p. 228 a 231.

(*) Texto redigido em Dezembro de 1974, primitivamente destinado ás Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1974) de que infelizmente só se publicou o l.° volume.

EST. II